

Encontro entre o espanhol e o português brasileiro na Praça Kantuta: uma leitura dos enunciados veiculados na tradicional feira boliviana.

José Maurício da Conceição Rocha - Grad/USP

Introdução

Vimos realizando nos últimos meses, a partir de um projeto de iniciação científica sobre línguas em contato, um estudo aproximativo do coletivo boliviano em São Paulo. A presença dessa comunidade enseja, até este momento, a mais numerosa situação de contato atual entre o espanhol e o português brasileiro – nem mesmo em espaços de fronteira há uma situação de tantos bilíngues. Por isso mesmo temos realizado um estudo tão somente aproximativo, para o qual elegemos os cartazes expostos na feira como objeto de observação e análise.

Iniciamos nosso estudo considerando que situações de bilinguismo têm lugar em diversas partes do mundo e que suas manifestações podem ser muito diversas. A cidade de São Paulo há muito não é exceção, pois muitos imigrantes elegeram-na para construir suas vidas. Diversas comunidades se formaram e alguns bairros como o da Liberdade assumiram características do povo que nele encontrou um espaço para viver e conviver com seus compatriotas.

O caso da comunidade boliviana vem se transformando desde 1980. A partir da segunda metade da referida década os fluxos migratórios bolivianos se intensificaram e hoje tal comunidade já constitui uma minoria linguística. Não dispomos do número exato de bolivianos que vivem em São Paulo, mas a última informação que conseguimos através de comunicação via e-mail com o consulado boliviano em São Paulo é que há aproximadamente 250 mil bolivianos vivendo na cidade. Essa estimativa já inclui dados reunidos após a última campanha de anistia realizada no primeiro semestre de 2010 – estímulo aos bolivianos indocumentados para que regularizassem sua situação.

A maioria desses imigrantes, como deve ser de conhecimento de alguns, trabalha em oficinas de costura, geralmente sob condições insalubres; vivendo comumente nos bairros Pari e Brás, a presença boliviana vem sendo muito notada em outros bairros mais afastados do centro. O principal ponto de encontro desta comunidade, no entanto, é a Praça Kantuta, onde os bolivianos realizam feira já

tradicional – com a comercialização de produtos e alimentos típicos. O ambiente da feira é também lugar de encontro para pelo menos duas línguas: o português e o espanhol.

Desenvolvimento

Tratando especificamente do contato entre estas línguas, foi na feira realizada todos os domingos na Praça Kantuta que verificamos – pela primeira vez fora da sala de aula – a ocorrência de fenômenos como *interferência* (CALVET, 2002, p.36) e *alternância de código* (CALVET, 2002, p.43). O primeiro, como sabemos, tem sua origem na introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonológico, grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário. O segundo refere-se à passagem em um ponto do discurso de uma língua a outra.

Propomos como primeiro exemplo desse contato a foto 1.



Temos uma situação em que poderíamos supor que o contato entre as duas línguas é, até certo ponto, imposto pelas circunstâncias. Uma das barracas da feira indica os produtos que oferece aos potenciais clientes. Por tratar-se de um cartaz

que podemos chamar de pré-fabricado – feito para que o comerciante dirija-se aos possíveis clientes indicando o que há para oferecer – não é esperado que se encontre à venda no mercado brasileiro um produto similar em qualquer língua diferente do português.

Esta, admitimos, é apenas uma explicação possível – e que consideramos bastante plausível. O contato entre as línguas, entretanto, assumiria neste momento outra categoria – que evitaremos, por ora, classificar. Pretendemos apenas expor nossa leitura de alguns enunciados escritos que registramos através de fotografias no ambiente da feira. Nossa hipótese, elaborada a partir da leitura de Payer (2006) e Celada (2002), é que, mais que refletir o contato entre duas línguas, esses enunciados expõem marcas da relação dos sujeitos que os produzem com as línguas em questão.

Vejamos a foto 2.



Poderíamos neste momento limitar-nos a dar relevo ao que já deve ter sido percebido: este cartaz não apresenta elementos do português brasileiro. Este fato foi um estímulo a algumas reflexões, e a primeira delas foi pensar nas circunstâncias em que foram produzidos esses cartazes: quem o produziu, onde e quando. Tal reflexão levou-nos à pergunta que acabou mudando o rumo de nossa pesquisa, pois

passamos a considerar que, mais do que saber o autor desses cartazes, o local e a data onde foram produzidos, importaria entender por quê eles foram produzidos. Esse por quê se relaciona ao que estritamente Pêcheux (1990) denomina “condições de produção”. Não se trata propriamente da situação empírica – que pessoas específicas passam pelo local específico em que estão os cartazes, mas das relações dessas pessoas com as línguas em uma situação permanente de contato: “ser boliviano em São Paulo”. Essa situação gera relações de interlocução de certa permanência, em que se estabilizam imagens das línguas, dos brasileiros, dos bolivianos para si mesmos e as antecipações que fazem do que eles sejam para o outro.

Vimos tentando aprender com nossos colegas analistas do discurso o que muitas vezes se faz necessário: explicitar o óbvio. Este, como afirmou Nelson Rodrigues, é ululante, mas insiste em passar diante dos nossos olhos sem que nos demos conta. Os cartazes utilizados na feira da Praça Kantuta atendem à necessidade que os comerciantes que ali trabalham têm de se comunicar com os frequentadores da feira; estes podem saber antecipadamente o que encontrarão em cada uma das barracas ou onde encontrarão o que estão buscando.

Essa necessidade de comunicação nos leva a outro ponto importante neste cenário: como ela se dá. Até aqui, pudemos observar que há cartazes com enunciados monolíngues e bilíngues. Nosso interesse neste momento é refletir sobre três blocos exemplares: dois cartazes com enunciados monolíngues, um cartaz com enunciados bilíngues e três cartazes de uma mesma barraca, onde dois são (quase) monolíngues e um é bilíngue.

Vejamos o primeiro grupo, que compusemos com as fotos 2 e 3.



Os cartazes das fotos 2 e 3 são monolíngues. Quando afirmamos que são monolíngues significa que neles encontramos formas de se dizer bolivianas, uma vez que não necessariamente encontraremos todas as palavras empregadas nos cartazes igualmente relacionadas em dicionários de língua espanhola. Acreditamos que estes cartazes são monolíngues porque os sujeitos que produziram tais enunciados provavelmente não quiseram fazê-lo em língua portuguesa, não têm condições de fazê-lo ou não se sentem suficientemente seguros para tal. Os dois blocos que seguem é que nos permitem afirmá-lo. Observemos a foto 4.

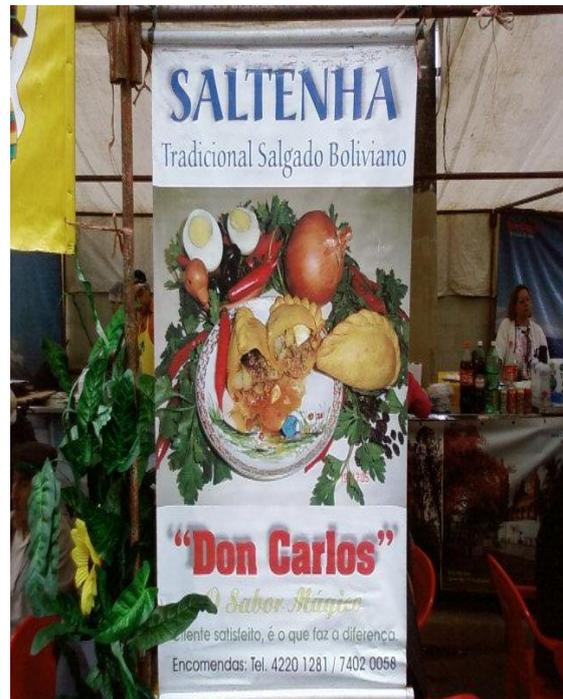


Podemos verificar um esforço por parte do sujeito que produziu este enunciado em demonstrar um conhecimento do português que lhe permitiria mais do que comunicar-se com os bolivianos frequentadores da feira: permitiria que ele se dirigisse também aos brasileiros que a frequentam. Essa competência presumida é notadamente frágil, especialmente se considerarmos, para nos limitar-nos a apenas um exemplo, que o que chamamos de suco não equivale à *chicha* boliviana, mesmo que o cartaz se refira à *chicha camba*, consumida no oriente boliviano e que tem pouco ou nenhum teor alcoólico. Mesmos assim, admitimos que o cartaz constrói um sujeito de enunciação que, apesar de valer-se de um jogo de equivalências, se coloca em posição de controle e articulação de ambas as línguas, marcando, em comparação com os demais, um deslocamento da posição monolíngue ou de deriva entre línguas.

O terceiro bloco exemplar nos dá uma dimensão diferente do envolvimento do sujeito com a língua e, de certa forma, contrasta com os anteriores; vem da barraca de um boliviano que vive há quarenta anos no Brasil. Vejamos as duas primeiras fotos deste bloco, a 5 e a 6.

I CIPLOM

Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
e
I Encontro Internacional de Associações de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
Línguas, sistemas escolares e integração regional



Podemos observar que, à exceção da palavra oriunda do inglês (delivery) e da maneira como é chamado do dono da barraca (“Don Carlos”), encontramos tudo em português. Há, no entanto, um enunciado que destoa de maneira muito positiva de todos os que já encontramos em português na barraca do Sr. Carlos. Vejamos onde ele se encontra (foto 7):



Esta é uma das faixas que decoram a barraca do Sr. Carlos. Aparece no canto superior direito a seguinte inscrição: “Santuário de Copacabana. BOLÍVIA”. Seguindo

o padrão dos cartazes que decoram a barraca, a língua utilizada é o português. Observamos, contudo, um texto em espanhol no canto inferior esquerdo. Assim está escrito:

“Y si lejos de ti
Yo me encuentro otra vez
No dejes que yo me muera
Sin volverte a ver.”

Temos aqui uma espécie de oração que, tendo um valor íntimo para o sujeito que produz este enunciado, é uma marca indelével da língua que o constitui. Apesar já ter vivido algumas décadas no Brasil, de ter construído sua vida neste país e de aparentemente dominar sua língua nacional, a língua materna se impõe justamente pelo grau de intimidade que tal oração pressupõe. O cartaz indica, ainda, uma posição de controle, mas que também expressa separação. As línguas não estão em um jogo de equivalências como no exemplo anterior; o que se observa é que cada uma delas é posta em uma função diferente.

Entendemos que a língua portuguesa cumpre uma função comercial pois o enunciador estabelece uma comunicação mais direta com os brasileiros que frequentam a feira, aproxima-se dos potenciais clientes e assume a posição de “boliviano em São Paulo” consciente da necessidade de deslocar-se da posição de sujeito monolíngue, utilizando-se da língua portuguesa para atingir um público maior.

A língua materna, no entanto, deixa sua marca no enunciado em questão e cumpre uma função afetiva, delimitando o espaço da língua nacional e evidenciando uma vez mais a posição do enunciador “boliviano em São Paulo” que, apesar de estar disposto a deslocar-se de uma posição de sujeito monolíngue, não abre mão de expressar-se em sua língua materna ao tratar de aspectos de sua intimidade, ou simplesmente não consegue, ainda que queira, apagar (d)a memória (d)a língua que o constitui.

Considerações finais

Esperamos ter apresentado um panorama de três níveis de (não) inscrição de um sujeito numa língua a partir de um recorte que, se neste momento encontra-se ainda preñado de possibilidades de interpretação e leitura, não nos tocou de outra maneira. Verificamos no ambiente da feira outras evidências do contato entre as

línguas e outras marcas da relação entre sujeito e língua. Tais marcas nos permitem perceber quão complexa é esta relação, as tensões que surgem a partir do contato entre as línguas e de que maneira elas (não) se resolvem.

REFERÊNCIAS

CALVET, Louis-Jean (2002): *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São paulo: Parábola.

CELADA, María Teresa (2002): *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

PAYER, Maria Onice (2006): *Memória da língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta.

PÊCHEUX, M. (1990): Análise automática do discurso (AAD-69)(Trad. por Eni P. Orlandi). Em: Gadet, F. e Hak, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, p.61-161.